

A borracha na economia brasileira

F. DE A. NOGUEIRA.

TODA e qualquer apreciação que se faça em torno da economia brasileira, não estará, por certo, completa, se não se incluir, em côres vivas, a da borracha. Porque esta foi, há algumas dezenas de anos passados, o braço forte da nossa riqueza, para, em seguida, por quase trinta anos, permanecer o seu mercado em estado desolador ressurgindo quando o mundo se debateu na agonia da última guerra, para depois voltar a uma relativa paralisação.

A história da borracha brasileira é alguma coisa de extraordinário que, só se a conhecendo devidamente nos seus aspectos mais culminantes, poder-se-á julgar a grandeza econômica que representou naquele passado distante, a sua importância já nos últimos tempos e as possibilidades de uma situação melhor e permanente para o futuro.

O gigantesco vale do Amazonas, formado por vários milhões de quilômetros quadrados é a região indomável que a audácia do homem lutou (e luta ainda) em busca da riqueza, vencendo apenas partes mínimas em relação ao todo, mas valiosíssimas, pagando, num sem número de vezes, com a própria vida, o *pecado* de querer conquistar o inconquistável. O pioneiro desbravador do século passado quis ser deus para dominar outro deus maior — a selva infinita com seus perigos incontáveis. A sua lembrança maior ficou em muitas partes do colosso amazônico: à margem dos rios desesperados e encachoeirados que banham a floresta altiva, nas redondezas mais ou menos profundas de Belém, nas ilhas circunvizinhas ou mais distantes dos centros de habitação mais densa. E foi o cearense o *aríete* deste assalto de heróis, que morreu aos milhares no fragor da luta, alguma vez conseguiu fortuna e mais do que isso, tornou conhecidos rios e terras, iniciou núcleos de povoação, mostrou, à custa de sacrifícios incalculáveis, ao Brasil, que era na imensidão verde daquele mundo selvagem que estava um dos pilares-mestres de sua riqueza, a maior, talvez, entre todas.

Naquele tempo, isso em 1818 e 1819, segundo o relato do célebre naturalista Martius, a borracha era encontrada nos arredores de Belém. E conforme dados antigos, na região do Tocantins a produção da *Hevea* era de 1.710 toneladas, suplantando-lhe, porém, *Purus* e *Juruá* que produziam, respectivamente, 3.510 e 1.822 toneladas, no ano de 1910. Deve-se, entretanto, considerar que, nestas duas últimas zonas, milhares de quilômetros

eram explorados, o que não sucedia na do Tocantins, cuja parte de exploração era pequena. E foi aí que a missão Schurz teve ocasião de encontrar os melhores exemplares da seringueira. Interessante é transcrever a nossa produção, mostrando o seu aumento sempre crescente, que vai do ano de 1822 ao ano de 1880:

	Toneladas
1822	21
1828	51
1830	156
1840	388
1850	1.467
1860	2.673
1870	6.591
1880	8.679

E' preciso notar ainda que este aumento cresceu de maneira assustadora, nos anos subsequentes, de modo que, em 1905, para uma exportação de Cr\$ 324.000,00 de café, encontrava-se a da borracha com Cr\$ 266.000,00. E já em 1910, praticamente, esta diferença desapareceu, porquanto a exportação de café atingiu a Cr\$ 385.000,00 e a de borracha, Cr\$ 376.000,00.

Essa febre de produção chegou a impressionar os grandes industriais da Dunlop que reconheciam, "até agora não têm conseguido os plantadores do Oriente produzir borracha na condição da borracha da Amazônia quanto à sua duração, apesar da borracha extraída das árvores plantadas ser igual, em todo respeito, às das árvores silvestres".

Para ter-se melhor idéia do esforço empregado na produção da *Hevea* é bastante assinalar que de 1891 a 1898 houve, de um ano para outro, um acréscimo de quase mil toneladas, em média. Vejamos, pois, os dados estatísticos:

	Toneladas
1891	17.790
1892	18.609
1893	19.430
1894	19.470
1895	20.975
1896	22.320
1897	22.260
1898	25.355
1899	28.695

A supremacia no mercado mundial da borracha, o Brasil a teve por largos anos, até que em 1913 o Oriente conseguiu dominar completamente tudo, sendo os nossos seringais, quanto à sua produção, reduzidos de dia para dia. O mais inacreditável é que em menos de dez anos o Oriente

havia elevado a sua produção para cifras colossais, num aumento anual de milhares de toneladas. Isso é fácil de se constatar pelos seguintes dados estatísticos :

Oriente	
	Toneladas
1907	1.000
1908	1.800
1909	3.600
1910	8.200
1911	14.419
1912	28.518
1913	47.618

Brasil	
	Toneladas
1907	38.000
1908	39.000
1909	42.000
1910	40.000
1911	37.000
1912	42.510
1913	39.370

E quais as coisas que levaram o Brasil a tão formidável queda no seu mercado e produção? Não há dúvida que elas foram inúmeras e até hoje não se pôde enumerar com firmeza muitas delas. Tem-se falado, entre outras, na distância imensa do Amazonas. Mas como se explica que em anos anteriores e de maiores dificuldades, sempre houvesse acréscimo de produção e procura de trabalho? Escassez de braço humano? Talvez um pouco, mas não a ponto de levar de roldão, em forma decrescente, uma produção que sempre experimentara aumentos.

Estudando o assunto, as conclusões a que chegou o técnico Ackers podem resumir-se no preço da mão-de-obra, capital, dificuldades à penetração na selva, etc.; e o seu plano de fornecer ao seringueiro monografias ilustradas com o fim de êste adotar novos métodos de trabalho, além do estabelecimento de escolas de agricultura, montagem de usina, inspeções, reduções de impostos, criação de hospitais, de centros de abastecimentos, imigração de trabalhadores estrangeiros, certas proibições, etc., não explica de modo satisfatório as coisas mais profundas do desastre, nem o seu plano levaria, mesmo pôsto em prática, à ressurreição da borracha, embora melhorasse. Outros relatórios apresentados chegaram mais ou menos às mesmas conclusões; entretanto, a borracha continuou a se depreciar no preço, terminando por acabar completamente o estímulo do trabalhador para produzir mais.

Fatores de ordem política, interesse pouco louvável de certos elementos ligados ao estrangeiro, dificultando o melhoramento e melhor preço da nossa borracha, para a sua plantação e exportação, talvez expliquem de modo mais completo a queda que sofremos, até a ruína praticamente total do que se havia realizado com esforços tão penosos. Diante disso, não é preciso dizer que depois de 1913 a *hevea brasiliensis* decaiu em tudo por tudo e as vastas possessões inglesas e holandesas do Oriente prosperaram de maneira assombrosa, passando a borracha a ser a preocupação dominante

dos plantadores. Naturalmente, que o excesso de entusiasmo trouxe o excesso de plantação e, após alguns anos de franco desenvolvimento, a superprodução da borracha acarretou notável decréscimo de preço: de 153 *pence* baixou para 10 *pence*, segundo diz o Cel. Macedo Soares (1). O chamado "Plano Stenvenson" melhorou de algum modo a desvalorização da borracha oriental.

A repercussão para o Brasil, dêste excesso de produção, foi das melhores. A *hevea*, de dois cruzeiros passou para doze, no ano de 1925. Foi por êste tempo que a missão Schurz fez importantes estudos na Amazônia, especialmente no que concerne ao solo, onde se desenvolve a seringueira, e as moléstias que a esta atacam.

Desgraçadamente para nós, a Missão Schurz fracassou. E foi por esta mesma época que o governo dos Estados Unidos protestou contra o "Plano Stenvenson", obrigando um acôrdo por parte dos plantadores e consumidores. Coisa que se fez sem maiores delongas. Mas aquêles aumento que teve a nossa borracha no ano de 1925, foi de significação apenas local. A nossa produção continuou inferior à dos outros países plantadores em grande escala, e o nosso mercado em situação ruim. Houve, é certo, um aumento fantástico no consumo mundial, desta fase que vai de 1925 a 1937, isto é, de 516.076 toneladas, daquele ano, subiu para um total de 1.133.070 toneladas, neste último. O Brasil, segundo dados estatísticos posteriores, produziu 14.520 toneladas, muito inferior à Malaia Inglesa, com 370.810 toneladas, às Índias Holandesas, com 298.701 toneladas, o Ceilão, com 51.174 toneladas, etc. Antes do conflito mundial, os Estados Unidos mantinham a supremacia no consumo da borracha, seguindo-se a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Itália, o Canadá, o Japão, a Rússia, etc.

Até há bem pouco tempo, o Brasil exportava 15.000 toneladas de borracha, o que quer dizer um decréscimo enorme em relação há quarenta anos atrás. Isto é, baixando de 65% a 1%, quando é sabido que numa área de 33.500 km² de produção de *hevea*, no exterior, existem dois bilhões de seringueiras, enquanto que no Amazonas que possui 1.825.997 km² e no Pará com mais de 1.368.966 km², em estado primitivo, no máximo há 300 milhões de pés (2). Estes dados dizem bem a situação em que se encontrava a gigantesca Amazônia, quando os japoneses conquistaram, no Oriente, as terras mais ricas desta matéria-prima. Borneo, Java, Singapura, etc., em poucos meses caíram em poder do Japão que assim priou as Nações Unidas de obter borracha do longínquo Oriente. A borracha sintética, por maior produção e aperfeiçoamento que os Estados Unidos conseguissem, nunca seria suficiente para as inúmeras aplicações de caráter bélico e outras mais. Seu emprego, limitado, obrigando, portanto, que a Nação do Norte descobrisse um meio de obter a borracha

(1) "A Borracha".

(2) Grande parte dos dados aqui inclusos foram publicados no "Observador Econômico e Financeiro" de junho de 1943.

natural, matéria indispensável, de primeiro plano, para a vitória. A descoberta fêz-se no vale da Amazônia. As distâncias tornaram-se pequenas... As dificuldades de penetração na selva, os meios de transporte, o braço humano, a higiene, tudo, enfim, passou para lugar secundário... A necessidade de sobrevivência suplantou o perigo. A Amazônia, como a Fênix da lenda, ressurgiu do caos em que estava mergulhada. A América do Norte precisava de tudo quanto fôsse borracha, por qualquer preço. Mas o Brasil não se aproveitou desta situação trágica. A sua vida, também, estava em jôgo, o seu destino, no momento, mais ou menos ligado ao do povo yankee. Por isso mesmo, fixamos um preço para a venda. O governo americano imediatamente aceitou e ofereceu cêrca de Cr\$ 400.000.000,00 para serem empregados no que fôsse mais conveniente para assegurar o sucesso da produção da borracha, em grande escala.

Fizeram-se, então, vários acordos com os Estados Unidos, na mobilização total dos recursos para a batalha da Amazônia e criação do Banco de Crédito da Borracha, que veio posteriormente trazer algum benefício às famílias dos seringueiros e tudo o mais que estivesse ligado direta ou indiretamente à maior e melhor produção da borracha.

A nossa produção, nesse período, não há dúvida, aumentou: produção melhor, por métodos mais racionais que visavam não só a quantidade, como a qualidade; aumentaram e aperfeiçoaram-se os meios de transportes. Durante o perigo tudo melhorou; formou-se o chamado "exército da Borracha"; seguiram, do nordeste, milhares de homens, principalmente cearenses. Verdade, porém, que na parte relativa à assistência, tudo foi palavra: não houve aquilo que se prometeu. Centenas e centenas morreram ou ficaram inutilizados. Outros voltaram pobres, quase na miséria ou doentes. Mas produziram o máximo.

A verdade é que a nossa produção de pneus e câmaras de ar experimentou de 1936 em diante sensível desenvolvimento. Vejamos os números.

	Pneumáticos Quantidade	Câmaras de ar Quantidade
	Unidade	Unidade
1936	30.400	
1937	65.000	
1938	75.000	
1939	100.000	
1940	236.189	186.576
1941	441.528	388.729
1942	443.583	286.025
1943	459.271	279.464
1944	490.594	374.813
1945	571.505	416.579
1946	708.816	573.046
1947	897.720	699.053
1948	994.609	744.667
1949	1.195.500	868.700 (estimativa)

A nossa produção de pneumáticos para automóveis de passageiros, motocicletas, caminhões, máquinas e tratores, em 1947 e 1948, apresentou aumento bem apreciável. Assim, em 47 a produção

total foi de 458.872 e em 48 de 502.875. Quanto à produção de câmaras de ar, nestes dois anos, foi, respectivamente: 699.053 e 744.667. Em 1948, a produção de pneumáticos para caminhões, ônibus e carros de passeio elevou-se a um total de 990.255. Para bicicletas, a nossa produção de pneumáticos e câmaras de ar em 1947 e 1948 foi, respectivamente, para os primeiros 322.254 e 227.910 e para as segundas — 351.186 e 169.695 (3).

Este desenvolvimento indica as nossas possibilidades no aproveitamento dessa nossa riqueza. Por outro lado, o acôrdo sôbre a Borracha, com a América do Norte, trouxe-nos algum benefício: despertou o interesse para que o Estado e os homens de negócio dirigissem sua atenção no aproveitamento industrial da hevea.

Foram os seguintes os principais itens do acôrdo reajustando os preços da borracha: "1.º — o preço básico de 45 centavos (moeda norte-americana), assegurado pelo acôrdo firmado em março de 1942, em Washington, pelo Ministro Sousa Costa, será acrescido de um prêmio de 33 1/3 por cento, aplicável proporcionalmente a todos os tipos de borracha constantes das tabelas oficiais, o qual se estenderá desde 9 de fevereiro corrente até 31 de março de 1945; 2.º — o aumento de preços decorrente dêsse prêmio visa compensar os produtores de borracha pelo encarecimento do custo de exploração, devendo, por conseguinte, passar integralmente aos produtores, mediante novos preços da tabela "B", do Banco de Crédito da Borracha; 3.º — o governo do Brasil criará um Fundo Especial de 10.000.000 de cruzeiros, destinado ao desenvolvimento da economia gomífera na Amazônia; 4.º — cessarão determinadas atividades da "Rubber Development Corporation" relacionadas com o abastecimento de gêneros e com o suprimento de combustível, a preços especiais, para os serviços de navegação da Amazônia, e, bem assim, as atendidas até agora com o Fundo Especial, de Fomento; 5.º — o Banco de Crédito da Borracha providenciará no sentido de, através de medidas adequadas, estimular o financiamento particular na exploração da borracha, bem como assegurará aos produtores a maior participação possível nos prêmios assegurados pelo acôrdo de 9 de fevereiro". (4)

O que apresentamos aqui, enfim, é uma visão geral do que foi, é e poderá vir a ser a borracha brasileira. A criação, relativamente recente, da Comissão Executiva de Defesa da Borracha, deu nova orientação ao aproveitamento da nossa hevea. Trabalhando discreta e sèriamente, planejando e colhendo dados sôbre tudo que se relacione ao problema da borracha, a Comissão muito poderá fazer para que o Brasil possa aumentar essa riqueza digna de maiores cuidados. Que assim o seja será, certamente, o desejo dos verdadeiros patriotas.

(3). Estes dados foram fornecidos pela Comissão Executiva de Defesa da Borracha.

(4) Discurso do Sr. Valentim Bouças.